HVMANITAS

[Recensão a] CARVALHO, Teresa - Epopeia e Antiepopéia. De Virgílio a Alegre

Autor(es): Jesus, Carlos A. Martins de
Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos
URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/27961>
DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_60_21
Accessed : 26-Apr-2023 03:33:43

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

humanitas

Vol. LX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

HUMANITAS

Vol. LX

CARVALHO, Teresa, *Epopeia e Antiepopeia. De Virgílio a Alegre*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2008, 154 pp. ISBN: 978-989-8074-38-6

O livro que aqui se comenta, o número dois da ainda recente colecção “Estudos – Humanidades” da Imprensa da Universidade de Coimbra, constituiu, na sua origem, uma dissertação de mestrado da Faculdade de Letras em Poética e Hermenêutica, defendida com o maior sucesso no ano de 2006. A encabeçar o livro, um elucidativo prefácio de Carlos Ascenso André, o Professor que orientou a dissertação, explica como a análise que será feita vive de contradições, dúvidas e desalentos, tantas vezes encontradas nas narrativas épicas, desde Homero. No fundo, e no dizer de Carlos André, foi objectivo de Teresa Carvalho fazer dialogar o canto épico com a negação de si mesmo.

Nesse sentido é construída a introdução do volume, onde se tece uma boa apresentação dos autores a considerar e da articulação desenvolvida entre eles. Partindo das epopeias antigas, de que Homero e Virgílio são os cultores mais completos, e com os poemas de Camões e Pessoa como intermédios, chega-se à poesia de Manuel Alegre para aí encontrar o tratamento programático das sementes de desalento (anti-épicas) que já os autores clássicos deixaram transparecer. São essas sementes o tema central do capítulo 1, expressivamente intitulado “Virgílio, um épico a contragosto”, no princípio de que são precisamente as contradições do poema épico que o tornam mais rico e eterno. Formal e tematicamente uma epopeia, que a Homero vai beber inspiração, a *Eneida* não deixa de nos brindar com espaços de luz e de sombra, heroísmo e anti-heroísmo, vida e morte, no limite. Daqui se parte, no capítulo 2, para a exploração da proliferação dessas sementes na poesia portuguesa, com especial destaque para três autores que a todo o momento Teresa Carvalho consegue pôr em diálogo: Camões, Pessoa e Manuel Alegre. Não deixa, no entanto, de aflorar o mesmo tema em outros poetas, de que Cesário Verde e Almeida Garret são os melhores exemplos. No que à poesia de Manuel Alegre diz respeito, afastada da epopeia, à partida, pela marca de diferença genológica, aí se analisa aquilo a que a autora chama, no título do capítulo 2, as “contra-dicções”. Mais do que as contradições espontâneas que nos legou Virgílio, onde o humano (ora forte ora fraco, ora corajoso ora simplesmente amedrontado) e o heróico de uma mesma figura recorrentemente entravam em conflito, busca Teresa Carvalho as diferentes – propositadamente diferentes – formas de cantar a nação e o heroísmo, as *dicções* heróicas, em verso lírico, de um Portugal que, já no dizer de Pessoa, aguarda pelo seu cumprimento e que se vai aniquilando, paulatinamente, na luta por um império material sem sentido.

O capítulo 3 (“Manuel Alegre, um antiépico pouco convicto”) vai levar a cabo uma análise da poesia do autor como se de um corpo complexo se tratasse, um corpo de homem que age e se relaciona com outros corpos, com o desco-

nhecido, com a vida e com a morte. Poeta da tradição épica e da sua consciente traição (cf. título do capítulo 3.2), Alegre é apresentado como o cantor do passado e do destino nacionais, o vate de uma pátria que nos desalentos do mar já revolvido se espera que construa o seu futuro, desvende o mistério de novos mares – que os há sempre por achar –, mais distantes e temerosos do que aqueles que cruzou o Gama. Símbolo épico por excelência são as mãos – que se prolongam também em braços e remos –, metáfora da vontade de agir e, uma vez mais, dobrar o cabo e ir além da Taprobana, numa poesia que se assume anti-épica, mas que convive de perto com os valores da epopeia que lhe serve de modelo.

“Sob o signo de Marte” é escrito o capítulo 3. São as armas forjadas por Vulcano o símbolo da morte que tem de ocorrer para que se concretize a missão, sempre dorida, de cumprir a pátria. Em Manuel Alegre, contudo, a guerra é sempre disfórica, imperativo cruel e sem justificação que deixa a terra sem homens, as mães sem filhos e as mulheres sem esposos. Ele é um poeta do campo de batalha, que viveu a guerra e forja a poesia, como para Eneias forjou Vulcano as armas mais perfeitas.

O último capítulo do livro centra-se na figura complexa do herói, talvez a categoria central do género da epopeia. Influenciado pelas lágrimas e pelo desalento latente de Eneias, o herói alegriano, tantas vezes o próprio eu poético, vive igualmente entre luz e sombras, enfraquece em face da adversidade e duvida da missão que é a sua. O poeta parece reconhecer que apenas o herói por vezes vencido pode terminar vencedor.

Diga-se, para terminar, que o livro de Teresa Carvalho, sem cair em leituras extremadas de um pós-colonialismo por vezes redutor, consegue penetrar nas teias da tradição e da *traição* épica alegriana, buscando em Virgílio, Camões, Pessoa e outros poetas os alicerces para essa forma à primeira vista tão disfórica – mas igualmente tão humana – de cantar a nação e o seu destino. Numa expressão simultaneamente clara e poeticamente fluente, a prosa da autora tem o condão de iluminar os espaços poéticos de sombra e, não em menor medida, assombrar esses outros espaços luminosos, no que aos temas da épica diz respeito.

Um trabalho completo, mas não acabado. *Doze Naus*, o mais recente livro de poesia de Manuel Alegre, sob o signo homérico da figura de Ulisses, oferece já matéria para um novo estudo, mais breve, mas assente nos mesmos moldes do trabalho que agora saiu dos prelos.

CARLOS A. MARTINS DE JESUS